

3 DE AGOSTO DE 2022

## O aspecto religioso no conflito entre Rússia e Ucrânia e o papel do Conselho Mundial de Igrejas (CMI)

Por Thomas H. Kang, professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS e membro do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), representando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)\*

Em boa parte do mundo ocidental, o papel das religiões institucionalizadas nos conflitos armados talvez seja menos relevante há algum tempo. No entanto, em regiões como o Oriente Médio e o Leste Europeu, por exemplo, não se pode dizer o mesmo. Fundado no contexto geopolítico pós-guerra, em 1948, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), é uma organização ecumênica que conta com 352 igrejas-membro, em sua maioria protestantes históricas e cristãs ortodoxas. Com sede em Genebra (Suíça), o CMI tem sido um ator relevante tanto em conflitos passados como atuais.

Concebido como um espaço de diálogo entre igrejas, o CMI busca promover-se e fortalecer-se como um espaço de mediação de conflitos quando igrejas ou pessoas vinculadas a igrejas estão envolvidas de alguma forma. Por exemplo, o CMI atuou no combate ao *apartheid* na África do Sul, que resultou na suspensão de uma igreja naquele país que apoiava o regime de segregação.[1]

Vale também mencionar um outro caso: na década de 80, em estreita colaboração com religiosos brasileiros, o CMI promoveu a digitalização e arquivamento de documentos com relatos sobre os abusos da ditadura militar no Brasil. Este projeto ficou conhecido como “Brasil: Nunca Mais!”. Em 2011, cópias de todos os documentos foram entregues ao Procurador Geral da República em cerimônia realizada em São Paulo.[2]

No atual conflito entre Rússia e Ucrânia, a questão religiosa tem um papel significativo: uma das narrativas nacionalistas tanto de russos quanto de bielorrussos e ucranianos é a conversão de Vladimir (o Grande) ao Cristianismo ortodoxo, que teria acontecido em Kiev no século X. Baseado nisso, alguns russos afirmam, portanto, que estaria na Ucrânia uma espécie de “origem espiritual” do seu povo.

A Igreja Ortodoxa Russa (IOR) é a maior organização religiosa em seu país e exerceu historicamente um papel privilegiado junto ao Estado. Isso parece continuar de alguma forma até hoje: muitos dizem que há uma relação próxima entre o patriarca russo Kirill e o presidente Putin.

Em geral, os países de maioria ortodoxa têm suas próprias igrejas nacionais e reconhecidas pelas outras igrejas da mesma família. No entanto, esse não era o caso da Ucrânia até 2018. Embora já houvesse dissidências entre os ortodoxos na Ucrânia, a única igreja ortodoxa reconhecida por seus pares era a Igreja Ortodoxa Ucraniana do Patriarcado de Moscou (IOU-PM).

Em 2018, entretanto, o Patriarcado de Constantinopla, historicamente o mais importante no mundo ortodoxo, concedeu independência a uma recém-formada Igreja Ortodoxa na Ucrânia (IOU autocéfala). Esse episódio rompeu as relações entre a IOR (a maior igreja ortodoxa) e Constantinopla – um grave conflito no mundo ortodoxo. Grosso modo, os ortodoxos ucranianos estão divididos desde então entre o braço vinculado aos russos e a igreja autocéfala.[3] Vale notar que todos esses episódios ocorreram após o início dos conflitos entre Rússia e Ucrânia em 2014.

Tanto o Patriarcado de Constantinopla quanto à IOR são membros do CMI. Antes da última reunião do comitê central do CMI (um de seus principais órgãos decisórios) em junho último, aventou-se nos bastidores a possibilidade de se suspender a membresia da IOR. O principal motivo seria um sermão do patriarca russo, proferido em março, em que ele teria justificado teologicamente a invasão da Ucrânia, com menções à decadência moral do Ocidente e a passeatas LGBTQIA+.

Vale destacar que uma parte significativa das igrejas protestantes históricas na Europa Ocidental, muitas das quais celebram casamentos homoafetivos e defendem direitos da comunidade LGBTQIA+, também são membros do CMI. Muitas destas igrejas estão consternadas tanto com a guerra em si quanto com as declarações do patriarca russo e sua proximidade ao governo russo.

Em 19 de março, a primeira-dama ucraniana fez um apelo ao secretário-geral interino do CMI, o padre ortodoxo romeno e professor Ioan Sauca, por meio do Instagram.[4] No início de março, Sauca já havia enviado uma carta aberta ao patriarca russo, que resultou em uma resposta do patriarca e uma tréplica de Sauca.[5] Por duas vezes, o CMI convidou o encarregado pelas relações externas da IOR, Metropolita Hilarion de Volodomansk, para encontros que pudessem aprofundar o diálogo. Entretanto, eventos inesperados impediram que isso acontecesse: no primeiro episódio, houve problemas de visto para o metropolita; já no segundo, poucos dias antes do evento, ele foi transferido para outras funções dentro da IOR.[6]

Durante a reunião do comitê central do CMI, a possibilidade de suspensão foi de fato discutida, mesmo diante da presença dos delegados russos. Chegou-se à conclusão de que, neste momento, uma suspensão fecharia as portas de diálogo, o que poderia ser prejudicial à construção de um caminho para encerrar o conflito.

No entanto, o CMI emitiu uma declaração crítica à invasão e ao uso de linguagem religiosa para justificá-la, mesmo com a presença de representantes russos.[7] Embora uma declaração tenha poucos efeitos práticos diretos, ela mostra que a IOR tem sofrido uma pressão substancial de seus pares.[8] Essa também foi minha percepção durante a reunião que discuti o assunto: também por conta de minha pesquisa na área de história e ética do desenvolvimento, tenho colaborado com o CMI com questões relacionadas a assuntos internacionais e desenvolvimento desde 2007.

Essas pressões não são apenas externas. Em diversas partes do mundo, comunidades vinculadas ao Patriarcado de Moscou pediram transferência para outros patriarcados. Em fevereiro, o metropolita da IOU-PM (a maior autoridade desta organização na Ucrânia), já havia condenado a guerra, o que parecia desafiar a posição de seu superior hierárquico em Moscou. Em 27 de maio, a IOU-PM declarou que não estava mais sob a jurisdição de Moscou, quando mais de 400 paróquias já haviam deixado o Patriarcado de Moscou. Essas evidências mostram que os conflitos dentro do Patriarcado de Moscou são significativos.

No final de agosto, ocorrerá a 11ª Assembleia Geral do CMI – o maior evento da organização, que ocorre aproximadamente a cada oito anos e se dará desta vez em Karlsruhe, Alemanha. É certo que assuntos relacionados ao conflito virão à tona, até porque a IOU autocéfala solicitou ingresso no CMI, o que deve contrariar os representantes da IOR. Espera-se que alguns delegados observadores da igreja autocéfala estejam presentes. Se na reunião do comitê central (que contou com cerca de 120 delegados) houve dificuldades em tratar da questão ucraniana, a situação deve ficar ainda mais delicada durante a 11ª Assembleia, onde se espera haver mais do que 4.500 participantes. É difícil prever o que acontecerá, ainda mais levando em conta que o evento se dará na Alemanha, a maior economia da União Europeia, mas significativamente dependente do gás russo.

\*As opiniões eventualmente presentes neste artigo não refletem as posições das organizações citadas.

[1] A Igreja Reformada Holandesa (África do Sul) teve sua suspensão revogada em 2018, após um processo de reconciliação com outras igrejas do país e com o próprio CMI.

[2] Além disso, Paulo Freire, o famoso educador brasileiro, trabalhou durante nove anos como funcionário do CMI. Rubem Alves, outro famoso educador, mas originalmente um pastor e teólogo presbiteriano, foi membro da Comissão de Fé e Ordem do CMI.

[3] Na verdade, a IOU-PM declarou autonomia do patriarcado de Moscou em fins de maio, mas sem o aval russo.

[4] <https://www.president.gov.ua/en/news/persha-ledi-ukrayini-zvernulasya-do-vsivitnoyi-radi-cerkov-73681>

[5] Carta do secretário-geral interino para o patriarca Kirill: <https://www.oikoumene.org/news/wcc-acting-general-secretary-to-patriarch-kirill-of-moscow-raise-up-your-voice-so-that-the-war-can-be-stopped>; resposta do patriarca: <https://www.oikoumene.org/news/patriarch-kirill-responds-to-wcc-acting-general-secretarys-letter-urging-voice-for-peace>; nova carta do secretário-geral: <https://www.oikoumene.org/news/wcc-urges-patriarch-kirill-intervene-and-ask-publicly-for-a-ceasefire-during-the-resurrection-service>.

[6] Metropolita é um cargo equivalente ao de Bispo nas igrejas ocidentais. O Metropolita Hilarion, considerado um intelectual de múltiplos talentos e com formação em Oxford, foi transferido para a diocese de Budapeste-Hungria da IOR.

[7] Declaração sobre a guerra na Ucrânia: <https://www.oikoumene.org/resources/documents/wcc-central-committee-statement-on-the-war-in-ukraine>

[8] Pelo menos, esta também foi minha percepção como um dos relatores do Comitê Permanente de Assuntos Públicos, responsável por preparar a declaração para aprovação em plenário.

**📍 INFORMAR ERRO**

**📁 ANÁLISE: CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL**

**# ARTIGO**